

# Gente em conflito



**PARA GOSTAR DE LER 35**

# Gente em conflito

---

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO • DALTON TREVISAN

---

FERNANDO SABINO • FRANZ KAFKA

---

GUY DE MAUPASSANT • IVAN ANGELO

---

JOÃO ANTÔNIO • LUIZ VILELA

---

LYGIA FAGUNDES TELLES • MACHADO DE ASSIS

---

MARÇAL AQUINO • MENALTON BRAFF

---

MOACYR SCLiar • WANDER PIROLI

---

Coordenação geral e seleção de textos  
Carmen Lucia Campos e Nilson Joaquim da Silva

*Gente em conflito*

© Dalton Trevisan, herdeiros de Fernando Sabino, Ivan Angelo, herdeiros de João Antônio, Luiz Vilela, Lygia Fagundes Telles, Marçal Aquino, Menalton Braff, herdeiros de Moacyr Scliar e Silvana Piroli, 2004

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmen Lucia Campos
Editor assistente	Fabio Weintraub
Preparador	Aginaldo Holanda
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Luciene Lima

ARTE

Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Ilustrações de capa e miolo	Yili Rojas
Editoração eletrônica	Studio 3
Edição eletrônica de imagens	Cesar Wolf
	Susana Leal

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G295

Gente em conflito / coordenação geral e seleção de textos Carmen Lucia Campos e Nilson Joaquim da Silva ; [ilustração Yili Rojas] - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2004.  
136p. : il. - (Para Gostar de Ler ; 35)

Contém suplemento de leitura  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-08-09159-1

1. Antologias (Conto). I. Campos, Carmen Lucia. II. Silva, Joaquim da, 1933-. III. Rojas, Yili. IV. Título.

11-0506

CDD: 808.83  
CDU: 82-3(082)

ISBN 978 85 08 09159-1 (aluno)

ISBN 978 85 08 09160-7 (professor)

2013

1ª adição

8ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática  
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário



<b>Em nome da paz</b> .....	7
<b>Moacyr Scliar</b>	
Ruídos no forro .....	11
<b>Antônio de Alcântara Machado</b>	
Amor e sangue .....	19
<b>Luiz Vilela</b>	
Aprendizado .....	27
<b>Ivan Angelo</b>	
Bar .....	35
<b>Franz Kafka</b>	
Um fratricídio .....	45
<b>Marçal Aquino</b>	
Balaio .....	53
<b>Lygia Fagundes Telles</b>	
Venha ver o pôr do sol .....	63
<b>Dalton Trevisan</b>	
Uma vela para Dario .....	75
<b>Machado de Assis</b>	
O caso da vara .....	81
<b>Wander Piroli</b>	
De um relatório policial .....	93
<b>Guy de Maupassant</b>	
Um louco .....	101
<b>João Antônio</b>	
Sufoco .....	113
<b>Menalton Braff</b>	
Vento nas bananeiras .....	123
<b>Fernando Sabino</b>	
Uma razão de viver .....	131
<b>Referências bibliográficas</b> .....	135

*Tá lá o corpo estendido no chão  
Em vez de um rosto uma foto de um gol  
Em vez de reza uma praga de alguém  
E um silêncio servindo de amém*

“De frente pro crime” — João Bosco & Aldir Blanc

# Em nome da paz

---

Da janela de nossa casa, pela tela da televisão ou em meio à multidão, assistimos diariamente a um *reality show* de conflitos de toda ordem: desavenças, guerras, discussões, desrespeito ao outro, desrespeito a nós mesmos...

Nesse “*show da vida real*”, porém, não há perdedor ou ganhador, nem os preferidos do público. Todos nós somos agentes e vítimas, protagonistas e plateia. E não basta apertar um botão ou mudar de bairro, cidade ou país para contemplarmos um espetáculo mais digno.

É preciso, antes, discutir de modo consciente as causas e as múltiplas faces da violência, inclusive despertando nosso olhar para um tipo de violência tantas vezes esquecida: a da completa indiferença diante da desvalorização do ser humano e da vida.

São muitos os que reagem e fazem da violência tema de atos públicos e de discussões em casa, nas escolas, em organizações não governamentais, na sociedade como um todo. E a literatura pode contribuir para essa mobilização, sensibilizando as pessoas e estimulando-as à reflexão e à ação.

As histórias aqui reunidas compõem um intrigante panorama do comportamento

humano, captado pelo olhar de importantes escritores nacionais e estrangeiros que registraram diferentes maneiras de lidar com os conflitos. Os textos retratam pessoas que são levadas a reagir de maneira violenta: seja por medo (“Ruídos no forro”), por inveja (“Aprendizado”), por um amor doentio (“Amor e sangue” e “Venha ver o pôr do sol”), pelo excessivo amor a si próprio (“O caso da vara”), seja por questões de honra (“Balaio” e “Vento nas bananeiras”).

O livro inclui ainda histórias que mostram a violência vinda de quem menos se espera (“Um louco”), a que muitas vezes acontece por omissão (“Um fratricídio”), aquela cometida contra a mulher (“Bar”). A banalização da morte (“Uma vela para Dario”), a dor convertida em estatísticas criminais (“De um relatório policial”), a agressão covarde de muitos contra um (“Sufoco”) e o caso de pessoas que passam por cima das agruras do caminho (“Uma razão de viver”) também estão presentes em *Gente em conflito*.

São histórias que nos dão prazer e nos fazem pensar. Que a boa ficção nos desperte para o mundo real.



# Moacyr Scliar



Luciane Cappini/Abriil Imagem

Vivemos um dilema: encarar a violência como uma marca do nosso tempo, que precisa ser combatida, ou conviver com ela, mantendo-nos alertas e suspeitando de todos... O que você faria se fosse acordado de madrugada por estranhos sons vindos do forro de seu quarto? Ficaria bem quietinho? Fugiria para pedir ajuda? É essa a situação que Moacyr Scliar mostra no conto a seguir. Você vai se surpreender com as reações das pessoas diante do horror e do medo.



# Ruídos no forro

*Moacyr Scliar*

São onze da noite, já, mas eles não conseguem dormir. Estão cansados — ele é motorista de táxi, ela cuida da casa, os dois trabalham muito —, mas não conseguem dormir. Deitados lado a lado, têm os olhos fixos na pequena mancha de luz que a lâmpada do poste da rua, lá de baixo, projeta no teto.

Faz calor, eles suam, mas as janelas estão fechadas. Não ousam abri-las; há muito roubo nesta vila, muito assassinato. Melhor sentir calor, mas com segurança. É verdade que a janela do quarto não fecha bem; está protegida por tampões, mas deixa uma fresta, por onde se infiltra a luz da rua. Mas só esta luz, porque estão acordados e enquanto estiverem acordados nada mais entrará pela janela.

Onze e quinze, onze e meia — não dormem. Mexem-se, inquietos, os corpos suados se roçam. É uma sensação familiar — estão casados há um ano, já —, mas às vezes ainda se estranham. Mais estranho que tudo é o escuro, os ruídos que povoam o escuro.

A casa toda estala. É uma casa de madeira, pequena, mal construída, torta. Não podiam alugar outra melhor, então vieram para cá, para esta vila popular onde não conhecem ninguém — nem querem conhecer. Não querem se envolver com malfeitores, que aqui são muitos.

Dos ruídos da casa, alguns já lhes são familiares: o rangido da porta da cozinha, os estalos do roupeiro, o pingar da

torneira. Mas sempre há barulhos novos, insuspeitados; novos insetos, novos bichos vão chegando e se instalando, apesar de todos os venenos.

Passa da meia-noite. Ela cochilou, teve um pequeno pesadelo, acordou sobressaltada; acalmou-se, agora fita o teto. Ele ainda não dormiu. Fita também o teto, a mesma mancha luminosa.

É então que começam os ruídos no forro.

Ela estremece, surpresa e assustada. É a primeira vez que ouve ruídos no forro, até então silencioso. É uma novidade. Desagradável novidade. Coisas de mau presságio.

Estende a mão trêmula, toca o braço dele; sente os músculos tensos. Então ele também ouviu, ele também está atento aos ruídos. Isto não a acalma, pelo contrário. (Os dois são crianças assustadas, ela pronta a chorar, ele prestes a transformar o medo em fúria — mas a verdade é que não sabem o que fazer; esperam, os olhos grudados no forro.)

Não é um ruído contínuo. Para e recomeça. Poderia ser o de um corpo que se arrasta. Um animal? Um animal grande, então. Maior que um gato, por exemplo. Um cachorro? Mas cachorro em forro de casa? Não, cachorro não. Há animais que vivem em forros; o gambá, por exemplo. Ela, que é de fora, conhece o gambá. Mas o barulho não é de gambá, disto ela tem certeza.

Um homem?

Não. Homem não é. As tábuas, delgadas, não aguentariam o peso de um homem — pelo menos de um homem robusto. Talvez aguentassem um sujeito magrinho. Ou um menino. Ou um anão.

O ruído cessa. Minutos se escoam. Quem sabe, ela pensa esperançosa, agora vai parar de vez. Quer dormir. Está cansada, precisa acordar cedo, o marido também. É uma vida dura, a deles. Já não bastavam todas as preocupações? Era preciso este barulho?

Pelo canto do olho espreita o marido. Mal o vê, na semi-obscuridade. Mas sabe que tem os olhos bem abertos, como



ela. É um homem nervoso, ela tem medo do que ele possa fazer, se subitamente se enfurecer.

Uma ideia lhe ocorre. Boceja ruidosamente. Espera que este som de pessoa de bem, tranquila, espante o intruso e acalme o marido (e a ela também). Boceja lento, termina com um ruminar e um murmúrio que pretende traduzir a satisfação de estarem ali, na cama que é deles, na casa que é deles. Mas o marido não relaxa os músculos e o silêncio que se segue é ominoso. Logo em seguida os ruídos no forro recomeçam.

Desta vez são bem audíveis. Não há, parece, nenhum cuidado em disfarçá-los. As tábuas rangem. A lâmpada oscila nitidamente.

A mão dele sai de sob o lençol. Tateia a mesinha de cabeceira. Ali está o revólver, o 22 que ele leva no carro e que à noite fica à mão, carregado; o gatilho em posição de fogo.

O barulho agora é contínuo. Não é difícil localizar de onde vem: bem no ponto em que se projeta a réstia de luz, as tábuas afundam ritmicamente. Ele ergue o braço — o revólver niquelado reluz por um instante —, ela solta um grito abafado; ele atira.

O estampido faz estremecer a casa. O quarto se enche de fumaça e do cheiro acre da pólvora. Sentam na cama, os dois, inteiriçados, os olhos arregalados fitos no forro. Lá fora, cães ladram. (Mas nenhuma janela se abrirá, disto eles têm certeza. Tiro é problema de quem disparou e de quem foi atingido. E da polícia.)

Os latidos vão cessando aos poucos. Eles continuam sentados, mirando o teto, o orifício da bala visível no centro mesmo da mancha de luz. A casa agora está absolutamente silenciosa. Nenhum ruído mais se ouve.

Ela começa a chorar baixinho. Ele a atrai para si, beija-lhe os cabelos, os olhos, os lábios, o pescoço, os seios. Minha querida, murmura, as mãos trêmulas percorrendo as coxas rijas, de penugem levemente áspera. Não quero, ela murmura, mas ele já a deitou, já está sobre ela. Não quero, ela repete num queixume, mas já está a beijá-lo também, a morder-lhe a orelha.